

Luisa Ducla Soares

CONTRATO

poemas

Iniciativas Editoriais



Já publicados nesta colecção

Eléctrico, poemas de José
Gomes Ferreira.

*Saudades para a Dona Gen-
ciana*, novela de José Ro-
drigues Miguéis.

O Segredo da Aurora, ensaio
de Joel Serrão.

*Três Cartas Inéditas para
José de Castro*, por Antó-
nio Nobre. Introdução e
notas de Manuel Mendes.

Poemas Completos de Manuel
da Fonseca. Introdução de
José Fernandes Fafe.

*Conflito e Unidade da Arte
Contemporânea*, ensaio de
Mário Dionísio.

O Anjo Tutelar, poema de
José Fernandes Fafe.

Retta ou os Ciúmes da Morte,
novela de Ilse Losa.

Coração do Dia, poema de
Eugénio de Andrade.

*Um Novo Romancista Por-
tuguês ou o Optimismo Ci-
catrizado*, estudo de José
Fernandes Fafe.

Os Dias Íntimos, poema de
João José Cochofel.

CONTRATO

A Ruth, con un
abrazo de amigade
e camaradaje
la
Unisa

Luísa Ducla Soares

CONTRATO

poemas

Iniciativas Editoriais

Contrato
é acto contra acto
é compromisso
é dádiva não dada
nem vendida
é isso
que se troca em cada gesto
da mesma dimensão.
Que o resto
é coração com asas de mitologia.
Contrato
é
mão contra mão
na manhã fria
inventar o calor de duas mãos.

ESSES

Os que trazem a tarde
a estrebuchar rosas
pela trela
como um cão
e põem rosas nas janelas
nos sorrisos que nos dão

Os que amassam flores
no pão dos pobres

Os que mascaram de rosas
o não

Os que aos domingos
dão às crianças
um tostão

Os que têm ninhos
de andorinhas
nos beirais
e chicotes
nos dedos
subreptícias gestapos caídas
do livor dos degredos

Os que roubam estrelas
aos olhos da gente
para vendê-las
à sucata

Os que instalam
altofalantes de riso
na mágoa salina
das costas curvadas
no grito preciso
das raivas sangradas

Os que nos matam de rosas
às punhaladas.

*The human dress is forged iron
The human form a fiery forge
The human face a furnace seal'd
The human heart its hungry gorge.*

William Blake

Se humana é a forma desta cota
a punho frio forjada em aço fero
se humana é a fornalha de derrota
selada em ferida lacre deste sangue
se humano coração o que desbota
e de sede se faz garganta exangue

Se humana é a face onipotente
se humana face é a que consente
se humana é e não de mascarada
se o próprio dicionário o não desmente
Então humano é palavra errada.

*I am Sir Oracle,
And when I ope my lips let no dog bark.*

Shakespeare

Não ladram cães na tarde perfilada
à beira do assalto
nem ao alto dos dias
derreada
uiva a voz
que em nós cala
o desespero.
Mas já,
Senhor Oráculo dos Gatilhos,
és só gatilhos,
e cumpre-nos a nós
o Oráculo.

POEMA DESTE SILÊNCIO

Silêncios são escarpas.
Esfarpadas as harpas
rasgadas as capas
quebradas as facas e a voz da palavra
no chão de granito
silêncios são escarpas.

As harpas
as capas
as facas tiranas
do sono
se encobrem a voz
de nós nos encobrem
a força e o fito.
Silêncios são escarpas.
Com cordas nas mãos
com capas nas caras

com raiva no punho fechado em granito
nós somos ainda
mito e contra-mito
o toiro e as farpas
ouvindo ao silêncio:
silêncios são escarpas.

OS MORTOS

São mortos são mortos
a paredes meias
de casas colmeias
e guardam seus postos.
Aguardam nos portos
dispostos nos rios
os nossos navios
com mastros de vivos
para suas bandeiras.

São mortos ordeiros
que trazem talão
da morte com preço
de pão.

São mortos urdidos
a tinta e papel
por decreto-lei.
Seus nomes não sei
mas são mortos de osso de carne e de pele
e trazem talão
de cão
de prisão
de canhão.

Exigem passagem
exibem da morte
uma certidão.
Um morto é um morto
não paga portagem.
Mas traz na bagagem
um não.

NA MORTE
DE DANIEL TEIXEIRA

À Fiama

Há a morte que se traz
presa à vida por um fio
papagaio tropical
todo a tremular de frio

Há a que pousa nas jarras
feita perfume de flor
com pálpebras que se esbatem
como pétalas sem cor

Há a que vem de permeio
com os muitos afazeres

Há a que pára no meio

Há a morte hereditária
e a morte com herdeiros

Há a que foi bem merecida

Há morte de espada erguida
como o pau de uma bandeira

e a morte muito adoçada
como bolinhos de freira

A que se compra na loja
com batatas e feijão

Há mortes
há tantas mortes
como farinhas de pão

Há deslustradas maneiras
e lustrosos ademanos

Há mortes feitas a escopro
a martelo, a segadeira

E as mortes que se morrem
assim de qualquer maneira

Há as mortes com discursos
e colarinho engomado

E as mortes com montepio
de funcionários de estado

As que caem de camisa
relampejada a navalha
que têm no próprio sangue
a sua água e toalha

Há os que morrem fechados
e são uma geografia
de pequeno lago
drenado
Executado.

Não me contem
mais contos
que estou farta
de contos de continhos
contarelos.
Vim ver amassar
farelos
e quero levar comigo
apenas um pão de trigo.

Pão pão
queijo queijo
que o dia seja
de fome
e desejo

que caiba na mão
que o amassar
que os cardos o talhem
o façam sorar

pão pão
queijo queijo
sem manejos
a fingi-lo
pão com queijo.

AS MÃOS LIGADAS

(Sobre uma gravura
de Picasso)

Não
como grinalda
não
como corrente.
Mão a mão
ligada
não
de exaltação
nem de mão doente.
Mão com mão
ligada
por um circuito
de carne presente.
Não
como grinalda
nem pomba pousada

é a sua paz
porque ela se faz
mão a mão ligada
e à pomba alada
a mão a suporta
não a prende nada.

ALENTEJO

Dia planificado na planície
branca
que estanca
branco, o sol,
de lado a lado
só cortado em granadas
de papoilas
e estilhaços do calor da calma.
Dia que pára
súbito
nos braços
a perguntar o preço
desta luta
e volta à labuta,
e volta ao cansaço.

Já pela noite fora singra
o sopro
do sonho ;
vermelha sangra a lua
no ritmo rezumbido
dos besouros.
E no sono de terra
que se acinza
é cinza
cada espiga
que era ouro
e no sono dos homens
que se doura.
é ouro
cada face
que era cinza.

DOMINGO

Manhã esguia
da palidez inútil
e do desfalque habitual dos sonhos
esguia
de palavras açaimadas
manhã-
-lagartixa verde
fugindo por entre as pedras
e os olhos de espanto
das crianças
por entre as mãos dos homens
descansando a clareira
de ser domingo
e os resignados ventres
das mulheres
bordando filhos de cinza
com agulhas
de escravidão.

Já tilinta este verão malabarismos
com pó de estradas
e há no calor abismos
forrados a sardinheiras encarnadas
como almofadas de sangue em flor
por sobre a dor
sem cor.

Há neste verão um jogo de carcaças
afogadas no lodo visível do rio
e as barcaças
na terra
perderam seu brio
de navio
como grandes peixes
voadores sem asas
à beira das casas.

Há neste verão uma versão
da história do homem
uma encantação
com homens de pó
alcatroados na estrada
com fetos paridos
no abismo do sangue
e a mãe
essa, exangue,
vendida com flores
num pregão.

O que escreve no chão qualquer mão
o apaga do pó este vento,
o que grita no ar qualquer voz
o abafa o alento
do trino, trino, trino das cigarras
e o trino já morre
nas garras do vento,
o vento já escorre
pelo abismo em desvão.
Só paira no ar o calor do verão.

Descola a parede forrada a papel
descarna-se a carne em raiva e em pele.

Desossa-se o frango e faz-se arrozada
descasca-se a fruta e faz-se salada
descobre-se a noite e faz-se risada
depenando os dias das suas passadas.

Em cada parede se cola o segredo
de sermos a medo a carne de nós.
E por sobre o frango, o riso, a salada
se leva no garfo a cada garfada
o sabor de sermos nós sem ser nada.

De palavras
decoro o teu retrato
silabando uma metodologia
de minuciosas larvas
num vagaroso acto
de magia.

De palavras
corroendo o teu retrato
como a larva
que rói
o caminho que cria.

Garoto da maçã de ouro,
de ouro redonda
nos olhos
não faças dela um tesouro
da imaginação —
deita-lhe a mão
que o ouro também se come
com dentes brancos de fome
e cospe os caroços
para a terra
do chão.

*Ouve, ve, & calla,
& viverás vida folgada...*

D. João Manuel — *Cancioneiro Geral*

Ouve e cala
que a palavra que se fala
pede um tributo de acção
e se queres vida folgada
sela a boca bem selada
não vás parar à prisão.
Tua porta cerrarás
ao vento à guerra ao amigo
espreita só pelo postigo
as voltas que o mundo dá
Atina no que te digo:
o que podes não farás

nem por justiça ou razão
nem pelo baque sonoro
do teu próprio coração
E se queres viver em paz
inventa a paz ao serão
que o crer nela é só virtude
da... continuação.

*Liberdade, liberdade
quem a tem
chama-lhe sua...*

...mas quem
a não tem
que a vá procurar
para o meio da rua.

Do rubro ao roxo, em sete cores de estio,
teus passos reverbero, ó liberdade,
e dou-te a proa aguda de navio
para demandares outra cidade.

Do rubro ao roxo, em sete cores de frio,
a traços de aço, clara liberdade,
te dou de cada gume o gesto esguio
e peço que o transformes em cidade.

Do rubro ao roxo, que demais demente
se assoma mais doente cada hora.

Do rubro ao roxo, em sete cores de gente,
Do rubro ao roxo, em sete cores de agora.

POESIA

Para mim poesia
é realismo e fantasia
num esquema hipertenso
e eu só me pertencço
quando a imaginação
tem o tamanho
da minha mão.
Então
é prosa vivida
em circuito de acção.

O POETA E A PALAVRA

Traz a linguagem forçada
em suas fronteiras de voz
palavra de nós tirada
de novo atirada a nós
trá-la firme enclavinhada
nossa palavra-ribeiro
que corria com a vida
com silêncios de permeio
tem-na certa e carregada
espingarda
ainda que o seu gatilho
seja de lua ou de flor
ainda que suas balas
sejam rastilhos de amor
Ao escrever o seu poema
é um franco atirador.

Em cada cicatriz
o fio da faca
No branco pau de giz
a mão que o quis
de entre a brancura imensa
da pedreira
Em cada seta tensa
um aprendiz
da arte de furtar o mundo
Mas cada olhar
é mais que projecção
é feirante a vender e a comprar
à vida
a própria conexão.

ÍNDICE

PROUNVOLE

<i>Contrato</i>	7
Esses	8
<i>Se humana é a forma desta cota</i>	10
<i>Não ladram cães na tarde perfilada</i>	11
Poema deste silêncio	12
Os mortos	14
Na morte de Daniel Teixeira	16
<i>Não me contem</i>	19
<i>Pão pão.</i>	20
As mãos ligadas	21
Alentejo.	23
<i>Já pela noite fora singra</i>	24
Domingo	25
<i>Já tilinta este verão malabarismos</i>	26
<i>Descola a parede forrada a papel</i>	28
<i>De palavras</i>	29
<i>Garoto da maçã de ouro</i>	30
<i>Ouve e cala.</i>	31
<i>...mas quem</i>	33
<i>Do rubro ao roxo, em sete cores de estio</i>	34
Poesia	35
O poeta e a palavra	36
<i>Em cada cicatrix</i>	37

*Este caderno foi composto
e impresso na Tipografia Ideal,
Calçada de S. Francisco, 13, em
Lisboa, no mês de Fevereiro de 1970*

As Mãos e os Frutos, poemas
de Eugénio de Andrade,
2.^a edição.

Sobre o Lado Esquerdo, poe-
mas de Carlos de Oliveira.

Dezanove Recantos, epopeia
sumária de Luiza Neto
Jorge.

As Aves, poema de Gastão
Cruz.



0770
AC-01